

**XXIX Encontro Anual da ANPOCS – 25 a 29 de outubro de 2005 – Caxambu – MG**

**G.T Pensamento Social Brasileiro**

**Andréa Borges Leão – UFC**

**Os Portugueses da América – romance do Brasil colonial, por Mme Julie Delafaye-Bréhier**

### **Notícia bibliográfica**

*Comme le couer devait battre à ces marins, le beau moment que celui où on a crié : Terre ! Je donerais tout au monde pour assister à une scène pareille. Dites-moi, mon papa, est-ce à l'Amérique du Nord ou celle du Sud que Colomb a abordé ?*

Andrézinho, no livro *l'Univers en miniature – Les voyages du petit André sans sortir de sa chambre*, de Aléxis Eymery. Paris, 1839.

Abundavam os livros de viagem pelo Império do Brasil. O francês Baptiste-Louis Garnier, que migrara para o Rio de Janeiro em 1844 e, que, se especializara no negócio do livro importado, mantinha, em um de seus catálogos de venda para o ano de 1858, quase duzentos títulos classificados como lembranças, crônicas, anedotas, geografias, viagens e descrições<sup>1</sup>. Em muitos deles, o Brasil figurava como tema. A literatura de viagem atraía a curiosidade pelo pitoresco da aventura, realçando a coragem dos marinheiros diante das intempéries na travessia, histórias de naufrágios e descrições romanceadas dos modos de vida e crenças de povos desconhecidos, quase sempre os índios americanos. No século XIX, essa literatura contamina os textos destinados ao público juvenil e, em países como a França, as bibliotecas de educação moral e formação religiosa passam a incluir títulos que se destacam pelas interpretações das comunidades ditas selvagens, indígenas e africanas, oferecendo uma forma de instrução que não representa perigo para a fé porque fundada nos ritos da conversão, do batismo e do matrimônio.

As descrições metódicas das cinco partes do mundo, Europa, Ásia, África, América e Oceania, os mapas, tratados de geografia, pequenos fragmentos do universo, estimulavam o interesse pela ciência natural, pelas visitas aos museus e pelo convite aos gabinetes, mas, aos

---

<sup>1</sup> Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier, 1858, de N. 12 – Histoire, biographie, souvenirs, mémoires, chroniques, anecdotes, géographie, voyages, descriptions, 1858. Entre outros títulos, todos em francês, esse catálogo traz: Atlas Topographique et Administratif du Brésil; Les Voyages Modernes, raconté à la jeunesse, de Laure Bernard; Expéditions dans les parties centrales de L'Amérique du Sud, de Francis Castelnau; Le Brahme voyageur, ou la sagesse populaires de toutes les nations, de Ferdinand Denis; Voyages dans la partie septentrionale du Brésil, depuis 1809 jusqu'en 1815, de Henry Koster; Voyages dans le district des Diamants, Voyages aux sources du Rio de San

olhos desembaraçados de uma criança, as serpentes, monstros e festins antropofágicos deviam em muito mais aguçar os medos e satisfazer a curiosidade. Nesse momento, o descobridor Cristóvão Colombo entra para o panteão dos heróis da juventude e sua história passa a constar nas biografias de crianças célebres, servindo como modelo cultural.

É principalmente sobre a vida do índio brasileiro que recai o novo projeto de aplicação das regras morais. Seus costumes, a alegria emanada dos cantos, danças e festins, as caçadas e lendas apaixonadas sobre suas origens, tornam-se motivos para reflexões sobre os excessos provocados pela barbárie, como a condenável prática da antropofagia, que até os podia excluir dos domínios da civilidade, mas os elegia como preferidos dos leitores. A Europa testemunha o nascimento de uma paixão romântica e juvenil pelo exotismo tropical.

Esses temas constavam nas coleções de livros juvenis da livraria parisiense dos irmãos Garnier e, uma vez firmado o gosto do público francês pela literatura de viagem, foram exportados para o Brasil. Para os leitores europeus, podiam representar o conhecimento da diferença, mas para os leitores brasileiros, as descrições podiam acima de tudo funcionar como espelho e memória. Um universo cultural comum ligava, por laços de afinidade na leitura, uma elite intelectual e juvenil do Velho e do Novo Mundo<sup>2</sup>. E para os produtores de textos, “a descoberta da América e os fracionamentos da cristandade tornam-se instrumentos de um duplo trabalho de classificação e conhecimento: a relação com o homem selvagem e com a tradição religiosa”<sup>3</sup>. É nesse domínio que uma cultura pode encontrar-se com a outra.

O gênero classificado como viagem, ainda que composto de textos heterogêneos entre si, acaba por fazer parte de um outro gênero de perfil mais ficcional - o romance de formação moral. As descrições são apropriadas pelo novo regime literário e passam a intervir como referências e contra-referências nas etapas previstas para a educação. Preferencialmente, o romance moral destina-se aos adolescentes. Seus objetivos são confessos - a aplicação dos princípios cristãos

---

Francisco, *Voyages dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes, Voyages dans les provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine*, de Auguste de Saint Hilaire.

<sup>2</sup> Não se pode desconhecer que o século XIX foi marcado pela leitura como competência universal dos franceses e que a extensão da familiaridade com o objeto escrito, impresso e manuscrito, só tenha sido possível tardiamente aos brasileiros. Mas, estudando os catálogos de venda para a juventude da livraria carioca Garnier, tive a dimensão do leitorado juvenil diretamente educado em francês, que era numeroso o suficiente para justificar a oferta dos quase duzentos títulos de livros importados. A respeito da leitura no século XIX na França, consulte: Crubellier, Maurice. *L'élargissement du public*; Hébrard, Jean. *Les nouveaux lecteurs*. In: *Histoire de l'édition française – les temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque*. Sous la direction de Roger Chartier et Henri-Jean Martin. Fayard/Cercle de la Librairie, 1990.

<sup>3</sup> Certeau, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

através das ações modelares dos personagens<sup>4</sup>. Define-se como literatura espiritual, divertida e instrutiva. Seus livros visam a produzir uma sensibilidade engajada na crença e antes de serem publicados necessitam passar pelos comitês eclesiásticos de leitura, que funcionam como primeiros censores, anteriores mesmo aos livreiros e pais. Esses comitês inauguram um sistema jurídico-religioso de controle dos textos. Os editores Mégarde, de Rouen, grandes distribuidores de livros de coleções infantis por toda a França e, através dos Garnier, difusores da literatura francesa para o Brasil, não dispensavam o exame prévio das autoridades responsáveis pela educação religiosa. Essa prática assinala uma submissão ao que Jean-Yves Mollier chama de “lógica da demanda social”<sup>5</sup> – no caso, atendendo aos objetivos da igreja católica -, característica do antigo regime da produção editorial. Não podemos esquecer de um livro português que fez muito sucesso de vendas na Europa e no Brasil, o Código do Bom Tom ou Regras de Civilidade e de Bem Viver no Século XIX, do presbítero José Ignácio Roquette, ele mesmo autor de manuais de missa e livros de história sagrada, mas, acima de tudo, responsável pela leitura e aprovação das demais obras espirituais e litúrgicas dos livreiros Aillaud e Guillard, de Paris<sup>6</sup>.

Se a observação dos sentimentos de homens primitivos, quase próximos aos animais, e o estabelecimento de comparações com os homens civilizados, nutre uma imaginação literária, acaba também por suprir necessidades de ordem pedagógica. Note-se que o âmbito de circulação do romance moral é o universo cultural juvenil, não contando ainda essa classe de textos com o estabelecimento da Sociologia como ciência explicativa do comportamento<sup>7</sup>. Os modelos e contra-modelos oferecidos pelos índios e negros escravos americanos, a antropofagia, as fugas e insurreições, a constituição de uma estranha República dos Palmares, entre uns, e os maus hábitos da nudez, entre outros, ambos relacionados à heresia, à perda do decoro da civilidade e aos perigos de embrutecimento dos comportamentos, ou, tudo posto ao contrário, as virtudes da vida natural, deveriam levar a mocidade a voltar-se para o seu interior e, partindo da intimidade,

---

<sup>4</sup> Sobre as propriedades que definem o romance moral, consultar: Delafaye-Bréhier, Julie. *Les Aventures de Roger ou les danger des mauvaises compagnies*. Paris, Lehubry, 1843. Esse livro fazia parte de uma biblioteca especial da juventude e em seu prefácio a autora expõe as teses do romance moral.

<sup>5</sup> A lógica da demanda social contrapõe-se uma lógica da oferta, que assinala a presença do mercado no comércio de livros. Consultar: Mollier, Jean-Yves. *Librairie et imprimerie à l'époque de la révolution industrielle*. In : *Revue Française d'histoire du livre*. N. 100 – 101. Société des Bibliophiles de Guyenne. 1998.

<sup>6</sup> Catálogo de venda dos livros portugueses, latinos e franceses da Casa da V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia., 1866. Sobre o autor e suas principais obras, consultar: J. I Roquette. *Código do Bom-Tom*. Organização Lilia Mortz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>7</sup> Vale o estabelecimento de relações entre a constituição do romance moral francês como gênero e a institucionalização da Sociologia como uma ciência moral.

compreender os motivos da ação e fortalecer suas relações com a crença. O bom e o mau selvagem, figuras do pensamento romântico europeu<sup>8</sup>, entram no projeto moral pedagógico na condição de parâmetros de comparação frente às desvantagens e máculas da civilização. Por isso mesmo, o romance moral poderia igualmente surtir efeitos contrários, uma vez que as práticas e significações produzidas pela leitura nem sempre correspondem aos anseios e imposições dos autores e livreiros-editores. E, se o novo leitor se identificasse com a vida nas florestas tropicais, livre de bússolas, mapas ou quaisquer constrangimentos morais ?

Para colocar a moralidade em ação fazia-se necessária, acima de tudo, a pronta adesão das mulheres de letras. Por todo o século XIX, das propriedades detidas pelas mulheres, a mais promissora é a escrita. A prática da escrita possibilitava converter em produtos materiais - os diários, os livros, etc - um capital simbólico herdado da educação literária recebida, primeiro transmitindo-o aos filhos, depois conservando-o através da organização e gestão de toda a família. Os exercícios da cópia, o gosto pelas cartas e pelos deveres de estilo, o cuidado com os usos das palavras, experiências da intimidade, levavam as escritoras tanto à entrada em um lento percurso de afirmação da individualidade que teve como consequência imediata o investimento na carreira literária, quanto à responsabilidade de um trabalho maior, missionário, que as aproximava dos homens de letras, dos professores e ainda mais dos eclesiásticos. Observa-se um processo de transferência de sacralidade dos padres para as escritoras, nesse momento particular da disputa pela posse do poder legítimo sobre a aplicação da moral, travada entre o conhecimento científico, que já se esboçava, e a tradição da velha igreja católica, detentora da legitimidade intelectual. Deste modo, as funções femininas mais se adequam à posição eclesiástica. Ora, uma autora deveria se situar no curso do processo de civilização, cabendo-lhe articular da melhor forma possível um discurso sobre as diferenças. A vida dos habitantes dos trópicos se tornaria mais compreensível, e, até, mais suportável se posta em uma operação escriturária.

Um olhar austero sobre o Brasil e seu sistema de relações coloniais bem ilustram o peso da posição feminina no novo regime de produção. Exemplar é a obra da alemã Amélie Schoppe, autora do famoso *Émigrants au Brésil*. Desde 1847, esse livro foi publicado em sucessivas edições, pelos livreiros Mégard, de Rouen, e Mame, de Tours, nas Bibliotecas Moral da

---

<sup>8</sup> Há uma vasta linhagem do pensamento intelectual europeu sobre o índio americano, e, por conseguinte, sobre os brasileiros. Destaco as fontes clássicas dos séculos XVI e XVIII; Montaigne e Rousseau. Uma fonte de consulta muito importante é o livro pioneiro de Afonso Arinos de Melo Franco. *L'Indien brésilien et la révolution française – les origines brésiliennes de la théorie de la bonté naturelle*. La Table Ronde, 2005.

Juventude e da Juventude Cristã, ambas aprovadas pelos Arcebispos daquelas províncias<sup>9</sup>. Mas, o romance *Les Portugais D'Amérique* ou *Os Portugueses da América* – lembranças históricas da guerra do Brasil em 1635 (contendo um quadro interessante dos costumes e usos das tribos selvagens, e detalhes instrutivos sobre a situação dos colonos nessa parte do Novo Mundo), da escritora bretã Julie Nicolase Delafaye-Bréhier, é o que melhor articula um ponto de vista sobre o sistema colonial aos ingredientes da literatura de formação, merecendo análise mais detalhada. Esse livro obteve sua aprovação do Arcebispo de Paris no dia 28 de outubro de 1846. Dois meses após, em dezembro, teve sua inscrição na *Bibliographie de la France – Journal Général de L'imprimerie et de la Librairie*, para ser definitivamente publicado pela casa Lehuby, em 1847. Classificada como uma obra destinada à juventude, mais precisamente como uma “Americana ao uso da juventude”, teve três tiragens no ano de sua publicação. A primeira, em um volume in-8 ilustrado com 12 litogravuras em duas cores, preto e branco, pelos artistas Auguste Lemoine, Janet-Lange e Giraud, vendido aos livreiros que o quisessem em seus sortimentos a 250 francos (o exemplar custava 6 francos)<sup>10</sup>. Na segunda, oferecendo as mesmas ilustrações, baixou de preço, agora custando 175 francos. Na terceira, vinha a cores, ouro, vermelho, azul e violeta, em um exemplar de charmosa capa e somente custando toda a tiragem 100 francos. A trajetória de sucesso dos *Portugueses da América* atesta a popularidade do gênero no qual foi classificado. Partindo dele, compreendemos toda a composição das bibliotecas da juventude, de tão singular acaba sendo o mais determinado dos livros. Em 1858, mais de dez anos após sua primeira edição parisiense, *Os Portugueses da América* entram para a biblioteca de obras instrutivas e recreativas do catálogo de venda da Livraria de Baptiste-Louis Garnier, filial carioca da casa matriz francesa.

O ponto de vista adotado face ao livro de Mme Delafaye-Bréhier é o da *História Cultural*<sup>11</sup>. Associando a categoria de representação do mundo social aos modos de produção, difusão e apropriação dos objetos culturais, essa abordagem privilegia, na análise do trabalho de construção dos significados das obras, o estudo dos processos a partir dos quais os textos conhecem sua publicidade. Início pelas estratégias comerciais dos livreiros Garnier e a lógica de

---

<sup>9</sup> Os Emigrantes no Brasil contam a saga dos alemães que vieram trabalhar nas minas de diamantes, em inícios do século XIX. Sua narrativa é uma reflexão e denúncia do sistema da “escravidão branca”, a qual se viam submetidos os jovens europeus quando assinavam contratos espúrios, ainda nos navios, durante a travessia do oceano.

<sup>10</sup> No Brasil, o volume custava 6\$000.

<sup>11</sup> Uma boa discussão sobre a invenção da *História Cultural* como disciplina, de seu percurso na historiografia francesa, bem como de seus objetos e orientações metodológicas, encontra-se no livro *Les enjeux de l'histoire culturelle*, de Philippe Poirrier. As operações metodológicas propostas na obra de Roger Chartier orientam o estudo

organização da coleção juvenil no catálogo de venda. Muitas vezes os espaços e relações marginais ou exteriores ao livro - como as notas, os prefácios, as notícias que acompanham a obra no catálogo, as estratégias de venda dos livreiros, etc - conferem estatuto e efeito literário ao texto. Os traços biográficos da autora – que só puderam ser conhecidos nos prefácios e dedicatórias - suas tênues relações com a civilidade das letras, seu sistema de escrita, seguido de um comentário sobre a trama da narrativa do livro, acabam de compor o percurso da análise.

## 1. Coleções Garnier

Eles podem nunca ter se encontrado, mas o normando Baptiste-Louis Garnier e a bretã Julie Nicolase Delafaye-Bréhier<sup>12</sup> coincidiam em suas idéias sobre viagens, livros e índios do Brasil. Nos anais da história franco-brasileira dos primeiros anos da descoberta, marinheiros normandos, piratas bretões e índios carijós protagonizaram empolgantes espetáculos de trocas comerciais. Os franceses foram pioneiros no tráfico do pau Brasil, e batalhas navais, como a que sucedeu ao navio do capitão de Gonneville, em 1505, atacado por corsários quando voltava das costas brasileiras, às portas do porto de Honfleur, na Normandia, eram correntes aos que se aventuravam fora dos domínios da cristandade<sup>13</sup>. Datam dessa época os desfiles alegóricos dos homens de corpos pintados, com suas penas e cocares, fazendo a diversão e saciando a curiosidade de reis e rainhas nas ruas de Rouen<sup>14</sup>. Três séculos após, se a história colonial brasileira tomava forma na literatura juvenil francesa, era porque a livraria francesa ousava atravessar os mares expandindo seus mercados bem além dos vizinhos europeus, para instalar-se na capital do Império do Brasil.

Não foi uma pura concessão ao consumo de produtos importados, marca do gosto de um público burguês sedento por novidades européias, que orientou a partida do irmão mais novo, Baptiste-Louis, para difundir o livro francês na América Latina. Para que esse normando

---

em questão. Entre outros, dele, cito: Por uma Sociologia Histórica das práticas culturais, in: História Cultural – entre práticas e representações. Rio de Janeiro: editora Difel, 1990.

<sup>12</sup> Vale desde já esclarecer que no ano do nascimento de Julie Nicolase Delafaye-Bréhier, 1785, sua cidade natal, Nantes, disputava com Rennes o título de capital da Bretanha. Em fins do século XVIII, porém, Nantes deixa de fazer parte oficialmente da Bretanha, passando a pertencer ao Pays de la Loire. Como Julie Nicolase, em seus prefácios, se define bretã, consagrando à região e às viagens todo seu sentimento literário até compor sua obra prima, A História dos Duques da Bretanha, considero-a como tal.

<sup>13</sup> Refiro-me às histórias narradas, de base absolutamente documentais, no charmoso livro – texto de comentário crítico ou romance histórico? – de Leyla Perrone-Moisés, intitulado Vinte Luas – viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503 – 1505. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>14</sup> Ver: Melo Franco, Afonso Arinos, 2005.

moderno viesse a se tornar, no Brasil, o “inventor da literatura nacional”<sup>15</sup>, o primeiro a remunerar os escritores<sup>16</sup> e, com isso, ilustrasse a dinâmica difusora de modelos da edição francesa no séc. XIX, os outros irmãos Garnier necessitaram trilhar os primeiros passos de um longo e acidentado percurso comercial em Paris. O primeiro da família a chegar à capital foi Auguste-Désiré, em 1824<sup>17</sup>, vindo de Lingreville, uma pequena cidade da Baixa Normandia. Com pouco tempo, seguem-no os outros três irmãos, François Hippolyte, Pierre-Auguste e Baptiste-Louis. Hippolyte, Auguste e Pierre conseguem a autorização, para cada um, do exercício da profissão de livreiro. Baptiste-Louis parte para o Rio de Janeiro, em 1844, abrindo sua loja na Rua do Ouvidor.

Até a compra do prédio para a livraria parisiense no endereço mais *chic* da capital - as galerias do *Palais-Royal* -, em 1837, os três enfrentam muitas dificuldades. O acervo da casa, uma sociedade entre Auguste e Hippolyte, foi sendo formado pouco a pouco e com senso de oportunidade. Os dois irmãos adquirem os direitos de venda de outras casas editoras, bem como os fundos comerciais dos que abriam falência e liquidavam todo o estoque. Em 1841, os Garnier adquirem os do editor Delloy, e em 1849, os de Salvat. Com esse, abrem a livraria espanhola Garnier Hermanos<sup>18</sup>. Em seguida, vão enriquecendo seus catálogos com a edição literária própria, de manuais escolares e dicionários. Nesse período, mudam-se para a Rua de Saints-Pères, endereço conhecido dos leitores brasileiros, porque constava na folha de rosto dos livros vendidos na filial carioca. Essas estratégias se acompanhavam da busca de outras fontes de acumulação de capital, como o investimento em ações da bolsa de valores e a compra de imóveis situados nos mais valorizados *boulevards*.

Comprar ações da “caminho de ferro” possibilitava dinheiro vivo nas mãos, mas o melhor negócio dos Garnier foi a venda e exportação de livros e estampas pornográficas. O bom negócio do livro obscuro resultou tão importante e lucrativo quanto o acúmulo de capital social de relações representado pela frequência dos escritores românticos em animadas reuniões na livraria do *Palais-Royal*. Mesmo que as estampas fossem impressas nas tipografias da periferia e

---

<sup>15</sup> Nas palavras de Jean-Yves Mollier. Entre outras obras, dele consultei: *Les mutations de l'espace éditorial français du XVIIIe au XXe siècle*. In : *Édition, Éditeurs (1) – Actes de la recherche en Sciences Sociales – 126-127 – Mars 1999*.

<sup>16</sup> Mesmo que através da compra definitiva da propriedade da obra de um escritor. Sobre o teor dos contratos literários da casa carioca, ver: Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. *O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras*. São Paulo, Ática, 2001.

<sup>17</sup> De acordo com o documento: *Portraits de Libraires – la famille des Garnier*. Extrait du *Bulletin de L'Association*. Assinado por H.C, libraire-expert au Tribunal de la Seine. Paris, impr. A. Fleury, 1913.

vendidas nos esconderijos da loja, foi preciso enfrentar a vigilância policial, censura, multas e ameaças de prisão, em especial Pierre-Auguste, que acabou se especializando no ramo. Segundo Jean-Yves Mollier, dos três irmãos, Baptiste-Louis foi o escolhido para difundir o comércio ilícito na América Latina. A difusão internacional desses livros acompanhava-se dos melhores romances de Alexandre Dumas, Victor Hugo, George Sande, Balzac, assim como essa literatura de última novidade acompanhava-se dos livros de artes militares, religião, filosofia, direito, política, entre outros gêneros e outras línguas.

Outra grande aquisição dos irmãos Garnier foi a editora do abade Migne, famosa pela produção de livros de grande erudição em história e teologia. Para construir seu império mercantil e a rede de difusão internacional, os livreiros parisienses necessitaram, sobretudo, da exportação de livros religiosos, que formavam as coleções de leituras espirituais e se compunham de catecismos, manuais de práticas piedosas, Bíblias e livros de primeira comunhão, endereçadas ao consumo popular, mas também de uma literatura de alto nível, edificante, com exercícios de estilo, destinada a um público mais cultivado e que sabia escrever. Havia uma atenção especial em oferecer livros de devoção às crianças e jovens. Não faltavam os romances morais.

As bibliotecas de livros juvenis traziam leituras destinadas à interiorização, boas para a formação da alma devota. Ao lado das narrativas de viagem, de Gulliver e de todas as variações das Aventuras de Robson Crusoe, bem como das obras contando as maravilhas inventadas pela indústria moderna, a pedagogia da edição católica apontava principalmente para a preocupação em oferecer aos jovens brasileiros uma literatura já celebrada e consagrada entre as crianças da Europa. Obras de autores clássicos, na maioria reedições das fórmulas literárias de sucesso no século XVIII, como Berquin, Bernardin de Saint-Pierre, as Mme de Genlis, Le Prince de Beaumont, Guizot, todas irmãs na família de letras de Mme Delfaye-Bréhier, até Cervantes, passaram a ser importadas pela livraria de Baptiste-Louis Garnier. As coleções juvenis da Rua do Ouvidor eram compradas, na França, das mais prestigiadas casas do ramo, como a de Eugene Ardant, de Limoge e a de Alfred Mame, de Tours. Assim como dos parisienses Lehubey e Didier. Esses livreiros-editores não possuíam pontos de venda na América Latina, certamente faziam bom negócio com Baptiste-Louis. Afinal, as representações européias que distinguiam os povos americanos do sul não estavam reduzidas ao temor, principalmente em um país como o Brasil, que enchia os olhos dos franceses com imagens de ouro, prata e diamantes.

---

<sup>18</sup> Mas, não partem para o México ou Argentina. A língua portuguesa e o Rio de Janeiro foram mais fortes.



Os livreiros parisienses sabiam que os novos leitores brasileiros portavam em si a herança da tradição ibérica e que de há muito eram familiarizados com as obras cristãs, mesmo que, adultos, lessem e admirassem as cenas das brochuras eróticas e baratas. Os Garnier deviam ter informações prévias sobre esse país, antes de fazer a escolha e correr todos os riscos do negócio do livro na capital do vasto Império do Brasil, quase todo de analfabetos. Por isso, investiram no segmento que mais rapidamente crescia no mercado, os livros juvenis no gênero romance moral. Só assim estaria resguardado o objetivo maior da casa parisiense - “tocar a alma latina”, que, para o bem de nossa história, significou efetivamente a criação das condições monetárias para a publicação de escritores como José de Alencar e Machado de Assis, Gonçalves Dias e Olavo Bilac. Só assim estaria igualmente resguardado o retorno à moralidade pública, que tanto convinha à casa matriz. Como diz Jean-Yves Mollier<sup>19</sup>, não são nada nobres as origens da acumulação primitiva do capital, ainda que se tratando do comércio de livros.

A história de Baptiste-Louis, no Rio de Janeiro, é por demais conhecida<sup>20</sup>. Abriu sua loja no número 69 da Rua do Ouvidor, onde permaneceu até 1878. Trabalhando intensamente, buscou a autonomia relativa dos irmãos em 1857, passando a assinar as publicações com as indicações de B. L. Garnier. Embora nos catálogos de venda para esse mesmo ano e para o precedente, ainda inteiramente em francês, note-se a dependência em relação à casa matriz no seguinte aviso ao leitor: “(...) fazemos notar que nossas colagens, sendo confeccionadas em Paris pelos mais hábeis artesãos, e sob os olhos e a vigilância de nossos irmãos, oferecemos as melhores garantias pela solidez, como pela elegância e o bom gosto”<sup>21</sup>.

O livreiro fazia questão de assinalar que sua loja era a mesma de Paris, o que convinha à legitimidade de que se necessitava revestir os produtos da casa. As técnicas de colagem do papel (*reliure*) não apenas definiam a qualidade da impressão, mas principalmente influenciavam a escolha do leitor e o gosto pela obra. Se Baptiste-Louis conquistou uma autonomia relativa de seus irmãos, a recíproca foi verdadeira. Em 1878, os Garnier de Paris adquiriram os fundos comerciais da livraria portuguesa e espanhola Hamonière oferecendo aos franceses um

---

<sup>19</sup> Consultei: Mollier, Jean-Yves. *L'argent et les lettres – histoire du capitalisme d'édition (1880-1920)*. Fayard, 1988. Á respeito do retorno à moralidade e as conveniências de natureza econômica e simbólica da exportação de livros religiosos, são igualmente importantes as observações de Parinet, Elisabeth. *Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine. XIXe – XXe siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 2004. Ainda de Mollier, consultei: *La Construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle*. In: *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Actes du colloque international. Sherbrooke 2000. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier. Les Presses de L'université Laval L'harmattan.

<sup>20</sup> Ao menos do modo como é contada por Hallewel. *O livro no Brasil; sua história*. São Paulo. T A Queiroz, 1985.

sortimento de dicionários bilíngües, gramáticas e manuais de conversação, além de romances, livros escolares e literários para juventude, todos em português.

Mas, voltando às bibliotecas juvenis. A ordem interna a um catálogo de venda de livros deve ser interpretada não somente como o resultado das decisões e escolhas do que vale a pena ser comercializado. Definir e organizar coleções é, antes de tudo, uma operação difusora e transmissora de sistemas de representação, classificação e divisão do mundo que visam a interferir diretamente nas disposições do público leitor<sup>22</sup>. Organizar livros em coleções é um modo de estabelecer hierarquias, aproximações e diferenças. Por isso, as estratégias dos livreiros não podem prescindir das expectativas, reais ou supostas, de seus leitores. As coleções supõem modos de apropriação que, por sua vez, são relativos às comunidades de interpretação. Essas comunidades distinguem-se, entre outras propriedades, por certas categorias de percepção do mundo social. Trata-se do estabelecimento de uma relação negociada entre o profissional do livro e o leitor, adulto e jovem, que firma um pacto de credibilidade e confiança mútua intermediado pela compra e leitura do livro.

Ordenar e classificar estão na base das coleções juvenis. Principalmente devido à sua função maior de agir na formação do *habitus*, oferecendo a toda a família modelos de escrita, princípios para a educação e para a observação da piedade religiosa. Sendo assim, no catálogo de venda da livraria de Baptiste-Louis Garnier de n. 14, intitulado “Livres Instructifs et Récréatifs Pour La Jeunesse”<sup>23</sup> - para o ano de 1858, estavam representadas as principais correntes e doutrinas do pensamento francês – a moral em ação, a ciência natural e a piedade religiosa. As obras foram organizadas pela ordem alfabética dos nomes de seus autores. Logo ao primeiro contato, fica claro um sistema de representação construído em torno da legitimidade dos autores e das obras, que, acima de tudo, ilustra lutas de classificação na escolha dos livreiros responsáveis. Na ordem desse catálogo havia duas grandes séries de representações. A primeira, formada por textos que professavam, ainda que literariamente, instruções morais, ou a interiorização das regras de um catolicismo que se pretendia racional; uma outra, de textos que divulgavam os prodígios e descobertas da ciência natural, e que partiam de autores e narrativas do cristianismo

---

<sup>21</sup> Tradução própria. Catalogue de la Librairie de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1858.

<sup>22</sup> A categoria “sistema de representação do mundo social” é de autoria do sociólogo Pierre Bourdieu. Do autor, consultar: *La distancion. Critique sociale du jugement*. Les Éditions de Minuit, 1979.

<sup>23</sup> É interessante notar que a indicação *Pour la Jeunesse* pode contemplar obras destinadas tanto às crianças quanto aos jovens, que são os adolescentes. Essa classificação fazia parte de uma mais ampla intitulada: “Livres Classiques, D’instruction Public d’Éducation et Livres Illustrés Pour La Jeunesse”.

reformado. Na primeira série, podemos incluir a *Revue Catholique de La Jeunesse*, um compêndio sobre religião, educação, instrução e recreação. Na segunda, pode-se incluir tanto o clássico de Mme Guizot, *Lettres de famille sur l'éducation*, um romance epistolar de inspiração rousseauniana sobre as virtudes naturais da educação infantil, quanto o curioso título *La Nature et ses Productions*, ou *Entretiens sur L'histoire Naturelle*, que igualmente mostra todas as influências do homem natural.

Todas essas estratégias de agrupamento das obras no catálogo mostram que as edições são capazes de organizar classes de gêneros, independentemente do funcionamento interno aos textos. Deste modo, Os Portugueses da América encontravam lugar determinado no sistema de representação posto em jogo no catálogo. Vinham na companhia dos maiores sucessos de venda de Mme Delafaye-Bréhier: *Alice, ou la jeune soeur mère de famille* (1853, Paris: Lehuby); *Aristide et Idalie, ou les Vertus filiales* (1848, Paris: Lehuby); *Les aventures de Roger, ou les Dangers des mauvaises compagnies. Histoire morale, instructive et amusante* (1852, Paris: Lehuby); *Les deux Familles, ou l'hospitalité fraternelle, suivies de Euphémie* (1856, Paris: Lehuby); *Les Enfants du Bord du Lac, ou six mois de séjour en Suisse* (1852, Paris: Lehuby); *Natalie, ou les Dangers des préventions* (1846, Paris: Lehuby); *Les Nouveaux petits Béarnais, ou les Charmes de la Vertu* (2 volumes, 1852, Paris: Lehuby); *Les Orphelins piémontais* (2 volumes, 1856, Paris: Lehuby); *La petite Compagne d'étude, ou les Dangers de la flatterie* (1840, Paris: Lehuby); *Les Trois Orphelins, Nouvelles veillées du château* (1838, Paris: Lehuby) e *Le Verger des Écoliers, Histoire morale écrite pour la jeunesse* (1840, Paris: Lehuby)<sup>24</sup>.

Baptiste-Louis fazia bons negócios com a casa Lehuby, comprando e importando para o Brasil os livros de Mme Delafaye-Bréhier, todos da prestigiada *Bibliothèque Spéciale de la Jeunesse* e devidamente revestidos de aprovação dos comitês eclesiásticos de leitura. Pela variedade dos gêneros, conhecemos o sortimento de que dispunha o francês em seus fundos comerciais e as inúmeras possibilidades de negócios com as editoras parisienses especializadas. Os títulos e subtítulos dos livros de Mme Delafaye-Bréhier por si sós já dizem ao que vieram. Meninas mães de família, irmãos órfãos, filhos adotados, provincianos *bearnêses* ou operários, todos empobrecidos e idealizados, causavam torrentes de lágrimas porque evocavam um mesmo sentimento piedoso e eram objetos de um mesmo enquadramento moral. Bastava que

---

<sup>24</sup> As obras de Mme Delafaye-Bréhier compradas por Baptiste-Louis e anunciadas no catálogo não traziam indicações das editoras de origem. Todas essas referências bibliográficas, hoje, podem ser encontradas no *Catalogue Général des livres imprimés de la Bibliothèque Nationale*.

representassem os papéis e ações convenientes às suas idades e aplicassem as lições recebidas. Essa era uma técnica de escrita da autora. Não seria de estranhar que os índios brasileiros e os colonos portugueses, os nobres da floresta tropical, viessem se unir a esses personagens.

## **2. Autoria e civilidade**

Julie Nicolase Delafaye-Bréhier nasceu em Nantes, no dia 15 de março de 1785. Seus pais formavam um casal de burgueses comerciantes, Jean Julien Marie Bréhier e Marie Jeanne Pichon. Cresceu educada por um tio, Auguste Bréhier, a quem dedicou o livro *L'Intérieur d'une Famille* ou *Le Récit du Voyageur*. Diz nele ter se inspirado para construir a figura do herói viajante e de inúmeras cenas da narrativa. Na vida doméstica e cotidiana, o tio, um pároco, cumpria a função de chefe familiar, agregando em torno de si numerosos parentes. Dava a todos uma atenção afetuosa, levando a sobrinha a ensinar que a primeira sociedade era sempre a da família. A lembrança do tio vinha dos longos passeios que faziam juntos nas horas de lazer e nos quais eram transmitidas lições de leitura e poesia. Auguste fazia versos e foi com ele que Julie aprendeu a deixar traços na vida, iniciando-se na escrita das cartas e debutando nos exercícios literários. Com todo esse modelo de virtude e élan criador não foi difícil sentir o prazer de contar histórias. Por outro lado, o tio evocava os censores dos comitês eclesiásticos de leitura, onipresentes e sacralizados na escrita de Julie Nicolase. Essas figuras punham-na em vigilância e controle, porque todo desvio moral traduzia-se em imperfeições estilísticas. No prefácio de seu primeiro livro, *Les six nouvelles de l'enfance*, escreve sobre os benefícios extraídos da rede de sociabilidade familiar: “Je me suis servie de quelques passages de L'Écriture sainte, comme des leçons les plus belles et les plus énergiques qu'on puisse adresser à la jeunesse: je ne crains point qu'on me reproche de les avoir mêlées dans des contes frivoles”.

Com o pai, não menos afetuoso e severo que o tio, Julie Nicolase foi se definindo escritora. Quando evoca sua imagem, revela um processo de produção da escrita. No texto da dedicatória - “À la mémoire de mon père” - do livro *Le Robinson français*, publicado logo após a morte de Jean Julien, traça o perfil de uma figura a qual nunca teve coragem de glorificar em vida. A conduta do pai lhe serve para a composição dos personagens. O caráter moderado, nem rude, nem frívolo, de mais esse homem de letras epistolares e domésticas – “Ta plume élégante et fidèle, ignorée du public, faisait les délices de ta famille et de tes amis qui trouvaient dans ta

correspondance de quoi satisfaire le goût et la sensibilité” – em muito contribuiu para seu processo de individuação. Mas no mundo privado das relações familiares, ordem privilegiada do criador<sup>25</sup>, refúgio das práticas de estilo e autocontrole, se a filha manifestava qualquer interesse pela glória da carreira literária, o pai logo reprovava. Era por precaução, contra os perigos da hipocrisia social que rondavam a civilidade das letras nos encontros mundanos, agremiações e academias. Ainda assim, a Jean Julien coube ser o primeiro leitor, o destinatário, e Julie Nicolase não hesitava em marcar a presença de seu nome autoral com o nome de família: “Mais si je ne puis encore m’arrêter dans cette carrière où me pousse un penchant irrésistible, que ton souvenir du moins préside à mēs travaux, qu’il m’excite à des nouveaux efforts pour mériter de nouveaux succès, et me fasse réaliser ce voeu que je formai au commencement de ma carrière: puisse le nom de mon père recevoir de moi par la suite un relief capable d’honorer celui de qui je le tiens!”. O nome de pai conferia a garantia do *status* social e reconhecimento de sua obra<sup>26</sup>.

Com Alexis Eymery, primeiro editor, Julie Nicolase levou a cabo suas estratégias de aliança, que não lograram ser matrimoniais, e sim literárias. Amigo de sua família, em 1825, a relação que cultivavam já somava doze anos. Dedicou-lhe o livro *Le petit voyageur en Grèce ou lettres du jeune Evariste et de sa famille*, sobre ele escrevendo: “c’est à vous, qui vous chargez de le faire connaître au public, que je dédie ce nouvel ouvrage. Vous recevrez, je l’espère, avec plaisir ce témoignage de mon estime et de ma sincère amitié. Je n’ai pas seulement rencontré en vous un éditeur dont le zèle supplée à l’éloignement qui m’empêche de surveiller moi-même. La publication de mes ouvrages, j’y ai trouvé surtout un homme d’un goût éclairé, d’un caractère loyal et généreux, et, ce qui est encore pour moi au dessus, un parfait ami de ma famille. Aussi est-ce avec une véritable satisfaction, monsieur, que je profite de cette circonstance pour vous renouveler l’assurance de mes sentiments, et me féliciter des vôtres, que douze années de relations littéraires ont assez affermis pour me faire supposer qu’ils ne se démentiront jamais ni de votre part ni de la mienne”.

Nas coleções juvenis de sua livraria, Alexis Eymery possuía toda uma biblioteca de livros de viagem. Ele mesmo fora escritor de literatura juvenil e criador de Andrézinho, um herói viajante que rodava o mundo em sonhos sem precisar sair de seu próprio quarto de dormir. No livro, de 1839, *l’Univers en miniature – Les voyages du petit André sans sortir de sa chambre* -,

---

<sup>25</sup> Edelman, Bernard. *Le sacre de l’auteur*. Éditions du Seuil, 2004.

<sup>26</sup> Sobre as intrincadas relações entre autor e sociedade, ver os textos comentados por Alain Brunn, in: *L’Auteur*. Paris: Flammarion, 2001.

Eymery discorre sobre a América do sul, e, nela, sobre uma viagem ao Brasil. Agradava-o, em Julie Nicolase, o charme e facilidade do estilo, aliados a uma habilidade na aplicação da moral. Por isso, recomendava pessoalmente aos leitores *Les Aventures de Roger ou les danger des mauvaises compagnies*, obra de 1843, aprovada pelo Cardinal Prince de Croy e pelo Arcebispo de Rouen, escrevendo um elogioso “prefácio do editor”.

Em 1812, Julie Nicolase casa-se com o médico Gratien-Claude Delafaye, que, nas letras científicas, marcou sua presença com apenas treze páginas de sua tese sobre a pneumonia latente, apresentada e defendida na Academia de Medicina da Sorbone, em 10 de abril do mesmo ano. O Dr. Delafaye é sincero na sua ausência de propósitos autorais, logo na introdução ao seu texto, pede indulgência aos membros da banca examinadora, pois não tivera tempo nem interesse de desenvolver o assunto: “si l’on ajoute à ce motif que la nécessité de satisfaire au vœu de la loi à pu seule me forcer à devenir auteur, on restera persuadé que j’ai de grandes droits à l’indulgence”. Para o marido, “mon cher docteur”, Julie Nicolase dedicou o livro *Le collège incendié, ou les écoliers en voyage*, de 1836: “(...) avec une santé délicate et chancelante, il est bien naturel, au reste, que j’aime la médecine et mon médecin. Pardonnez donc à ma reconnaissance la petite surpercherie dont j’ose à votre égard, et comptez à jamais sur les sentimens de votre amie”.

Com a irmã, Nancy, que casara-se em Rouen, Julie Nicolase trocava cartas.

Com todos eles - o tio, o pai, o editor, o marido e a irmã -, personagens de seu romance individual e ligados a livros de viagem, Julie Nicolase Bréhier seguia produzindo sua singularidade, sua autoria, e, ao mesmo tempo, preparando sua recepção. Quando damos o devido valor aos pequenos espaços de discussão que antecedem os textos - notas, prefácios e dedicatórias -, fontes privilegiadas para a observação e análise do movimento de aquisição e transmissão de um *habitus* letrado, acabamos, enfim, por surpreender uma autora como Mme Delafaye-Bréhier urdindo sua própria historiadora. É ela mesma que nos diz: uma mulher não escreve apenas se em nome de uma República das Letras, contraindo deveres, obrigações e obediência. A categoria de mulher de letras, de outro modo, pode ser formada no convívio doméstico, às margens das agremiações, salões e academias, celebrando amizades com tios, pais e irmãos, o que não suprime sua inscrição simbólica em um sistema mais vasto de escrita. Afinal, os produtos da

atividade literária são tão mais singulares quanto mais fortes seus laços de interdependência<sup>27</sup>: basta atentar para o uso corrente que as escritoras faziam das imitações. Imitações não se definiam como meras assimilações de estilo, eram verdadeiras reescrituras, continuações, às vezes, cópias, como hoje entendemos. Depois que Mme Pauline Guizot, conhecida dos fregueses da livraria da Rua do Ouvidor, morreu, em 1826, imediatamente Mme Amable Tastu se apropriou de seu romance moral *Une Famille - avantages d'une bonne éducation*, prosseguindo-o.

Em 1846, ano da publicação dos *Portugueses da América*, três outras obras de Mme Delafaye-Bréhier, *Les Petits Bearnais*, *Les Enfants de la Providence* e *Le Collège Incendié*, constavam na Biblioteca de obras de elite para a juventude, uma coleção da Livraria Didier e publicada, em Paris, sob os cuidados do ministro da Instrução Pública, tal era o prestígio alcançado pela autora.

Julie Nicolase Delafaye-Bréhier morre em 1850, após concluir sua maior obra, o romance histórico *Histoire de Ducs de Bretagne - raconté par un père a ses enfants*, publicado pela casa Lehuby, em 1851.

Seu pendor para o exotismo não elegeu o Brasil como único objeto. Escreveu um livro sobre a vida de um príncipe indiano, *Le petit prince de Cachemire*, e mais outros sobre viagens para a Grécia, Inglaterra e Suécia. Publicou, em 1834, um romance moral ambientado no século XVI, *Marguerite - ou la puissance des affections domestiques*. Interessava-lhe a novidade: “Pour mettre plus de variété dans mes nouvelles, autant que je l'ai pu, j'en ai pris les héros dans des conditions différentes, et des pays éloignés les uns des autres”.

### **3. Os Portugueses da América**

Em *Os Portugueses da América*, Mme Delafaye-Bréhier tece uma história situada em terras do nordeste brasileiro, a cidade de Olinda, e em tempos coloniais, 1635, período da ocupação holandesa. Os personagens são colonos portugueses, do sangue azul da casa de Bragança, índios tapuias, de feroz origem tupinambá, e negros sublevados na República de Palmares. O texto narra a execução de um plano de vingança - seqüestro seguido de cativo na floresta tropical – imaginado pelos índios contra seus senhores e algozes, os colonos portugueses.

---

<sup>27</sup> Sobre as modalidades dos laços sociais no sistema da escrita e as determinações da estrutura da personalidade, ver o *Avant-Propos* de Roger Chartier, *Conscience de soi et lien social*, à edição francesa do livro *A Sociedade dos Indivíduos*, de Norbert Elias. Elias, Norbert. *La société des individus*. Fayard, 1991.

Duas damas, Élvire e Hélène, são raptadas pelas suas escravas domésticas, a velha Mocap - mentora do plano -, e a jovem mestiça Yassi-Miri, ama de leite do pequeno Sebastião, filho de Élvire. Arraïp, escravo pessoal de Dom Aleixo, marido de Élvire, também adere ao plano. Aproveitando-se da confusão causada no dia da ocupação da cidade pelos holandeses, Mocap foge com as duas mulheres, Yassi-Miri e Sebastião, tomando o rumo da tribo dos tapuias. Só ela, a velha tupinambá, conhece os desvãos da floresta e seu retorno acompanhada de duas senhoras cativas era prova maior de triunfo e conquista.

Nesse ínterim, Dom Aleixo segue, com Arraïp, para o forte de Matias de Albuquerque. Depois de travar longos debates teológicos com seu escravo – todas as criaturas não são filhas de um mesmo Deus, então, o que justifica a captura e os maus tratos aos índios?, quer saber Arraïp -, o nobre português torna-se prisioneiro dos negros-cidadãos sublevados da República de Palmares. Testemunha a organização de uma República tropical, com deveres e direitos, mas, horroriza-se ante as bebedeiras nas festas da colheita do milho, que levavam a excessos. A escravidão, para os povos selvagens, brutalmente livres, se bem conduzida e cristianizada, poderia ser uma etapa da civilização, defende a narradora.

A imaginação européia do mundo colonial é naturalizada, e o desafio maior para a trama do romance moral é a cristianização da raça.

Dom Aleixo consegue libertar-se, mas, andando alguns passos, encontra um grupo de índios ferozes, que o fazem refém. Desta vez, o nobre português é presa de um festim canibal. Prestes a ser devorado - chega até a jogar pedras nos executores, segundo o costume narrado pelos viajantes do século XVI<sup>28</sup> - é salvo por um missionário inaciano. Reencontra Arraïp e descobre a traição.

Abre-se uma via para a inversão de papéis entre dominantes e dominados – e se os senhores se tornassem escravos e os escravos, senhores?

A ocupação holandesa da cidade de Olinda serve apenas como cenário para o desenvolvimento da trama. Todos os personagens se encontram na floresta. Durante uma longa jornada pela mata tropical, enfrentando serpentes, monstros e rios, as duas damas vão confrontando seus valores aos dos tapuias, afirmando os preceitos da religião católica, a fé nos sacramentos e a inexorável conversão dos bárbaros americanos. Ignoram seus destinos. Ao fim, correm o risco de serem devoradas. Ameaças e preces não surtem mais o menor efeito, lembram

---

<sup>28</sup> Em várias passagens, encontramos as famosas descrições de Jean de Léry e Andréa Thevet.



“o vento que sopra em uma planície deserta”. As duas escravas fugitivas regozijam-se com a nova situação, movidas por um forte sentimento – selvagem, civilizado ou cristão? – de vingança, definido pela narradora como “compromisso com a dignidade”, perdida nos maus tratos da escravidão, abrindo uma discussão sobre a fidelidade e o medo da traição à raça. Desenrola-se novo debate teológico sobre a humanidade dos índios, suas virtudes e vícios, a condenável prática da antropofagia, o ressentimento, tanto dos índios brasileiros em relação aos portugueses, quanto destes em relação aos holandeses, a quem reputavam de povos heréticos. Afinal, Deus não se manifesta em todas as coisas? Mas seria preciso cristianizar a barbárie, civilizá-la, ainda que a civilidade fosse representada também como corrupção da natureza e frivolidade artificial cortesã, revelando a narrativa, a essa altura, um confronto de inspiração tipicamente rousseauiana. Na composição dos personagens estão as propriedades que definem as figuras do bom e do mau selvagem.

Em Olinda, Hélène levava a vida lasciva dos colonos portugueses. Nascida no Brasil, filha de um senhor de engenho arruinado, Dom Álvaro Rodriguez, é inclemente no castigo aos escravos. Já Élvire, nascida em Portugal, é modelo de boa cristã. Aos selvagens que a seqüestraram, aplica a virtude do perdão. Para embaralhar um pouco esse jogo colonial e colocar o problema da mestiçagem, a autora faz os personagens indígenas descenderem de uma pequena tribo que fora governada pelo português Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Eles também demonstram, a seus modos, alguma polidez e desvelo para com o sofrimento das cativas. Essas senhoras jamais se habituaram aos rigores do trabalho.

Entremeando ficção aos episódios da história, Mme Delafaye-Bréhier não demonstra medo de se ferir ou perder nessa estrada. As florestas, animais, jibóias, festins, caçadas e a poligamia selvagem, bizarros costumes dos índios brasileiros, são realisticamente narrados aos jovens europeus.

No cativeiro das duas damas portuguesas, feitas escravas de suas escravas tapuias, colocam-se dois graves problemas de ordem moral e religiosa. O primeiro diz respeito à educação do pequeno Sebastião, que deveria, pelos novos costumes, furar seu lábio inferior e orná-lo com uma pedra azul. Aos olhos de sua mãe, isto parecia uma mutilação. O chefe tapuia, verdadeiro sultão selvagem, apaixonou-se pela portuguesa Hélène, desejando-a para sua sétima esposa. Como poderia uma cristã casar-se com um homem já por seis vezes casado? Na ocasião em que Hélène sai para buscar água no rio, as outras esposas do chefe, descontentes com a iminência da perda de

posição para uma estrangeira, raptam-na, torturam-na, arrastando-a pelos cabelos, para por fim amarrá-la ao tronco de uma árvore perto da qual passa um rio habitado por serpentes venenosas. Héléna desaparece, e o chefe, colérico, expulsa Mocap e sua derradeira cativa, Élvire, da tribo. Os personagens seguem mais uma rota de aventuras pelo deserto, desta vez, de volta à cidade de Olinda. Mocap morre de sede durante a travessia, não sem antes ser batizada por Élvire, que junto com Yassi-Miri e o pequeno Sebastião, acaba sendo encontrada por Dom Aleixo. Anos após, Héléna também é reencontrada, vivendo no deserto com uma família holandesa, demente. O cristianismo triunfa sobre os vícios e poucas virtudes da vida selvagem. A escravidão, de acordo com a moral da história, é, de fato, etapa necessária para o longo e tumultuado processo de civilização e da conversão ao cristianismo.

Na composição de seu romance moral, Mme Delafaye-Bréhier se baseia claramente nos clássicos relatos de viagens do século XVI – nos textos de Jean de Léry, Viagem à terra do Brasil, e de André Thevet, As singularidades da França Antártica. Não consta que ela mesma tivesse feito viagem ao Brasil. Se, como diz Michel de Certeau, os itinerários dos viajantes são previamente esboçados nas operações da escrita, mesmo em configurações históricas diferenciadas, Mme Bréhier, Jean de Léry e André Thevet acabam compondo um mesmo texto. Porque os três tomam posse de um mesmo objeto literário, a descrição do índio brasileiro.

A história dos Portugueses da América conduz seus leitores ao questionamento dos papéis sociais, que, mesmo na rigidez emanada pelo ordem das coisas do século XIX, não estão para sempre fixados. A história colonial também pode ser escrita ao contrário. As regras de dependência e assimilação dos colonizados em relação aos colonizadores podem ser deslocadas. A narrativa do cativo tapuia de senhores portugueses acaba por tecer um sistema de contradições que culmina com uma desmontagem do mundo de certezas da colônia portuguesa no Brasil, ainda que essa desmontagem esteja limitada pelo final triunfante do cristianismo. Afinal, a literatura de Julie Nicolase Delafaye-Bréhier não poderia contradizê-la.

O mais sedutor é que toda essa história foi imaginada muitos anos antes de José de Alencar escrever seu romance indígena Iracema.

## **Bibliografia:**

Bourdieu, Pierre. La distanction. Critique sociale du jugement. Les Éditions de Minuit, 1979.

Brunn, Alain. L'Auteur. Paris : Falmarion, 2001.

Catalogues de la Librairie de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1857, 1858, 1920. Bibliothèque Nationale de France.

Catálogo de vendas da livraria de Garnier Irmãos, 1878. Bibliothèque Nationale de France.  
Catalogue Général des Livres Imprimés de la Bibliothèque Nationale.

Catálogo de vendas dos livros portugueses, latinos e franceses da Casa de V. J. P. Aillaud, Guillard e Cia, 1866. Bibliothèque Nationale de France.

Certeau, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2000.

Chartier, Roger. Por uma Sociologia Histórica das práticas culturais. In : História Cultural – entre práticas e representações. Rio de Janeiro : Editora Difel, 1990.

Chartier, Roger. Conscience de soi et lien social. In : Elias, Norbert. La société des individus. Fayard, 1991.

Crubellier, Maurice. L'élargissement du public. In: Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – Du romantisme à la Belle Époque. Fayard, 1990.

Edelman, Bernard. Le sacre de l'auteur. Paris : Éditions du Seuil, 2004.

Hallewell, Laurence. O livro no Brasil; sua história. São Paulo, T. A Queiroz, 1985.

Hébrard, Jean. Como a biblioteca chegou à escola: evolução das políticas de leitura na França do século XX. INRP (Serviço de História da Educação) e C.N.R.S, Paris.

Hébrard, Jean. Les nouveaux lecteurs. In: Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs – Du romantisme à la Belle Époque. Fayard, 1990.

Lajolo, Marisa e Zilberman, Regina. O preço da leitura. Leis e números por detrás das letras. São Paulo, Ática, 2001.

Léry, Jean. Viagem à Terra do Brasil. Editora Itatiaia Limitada – Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

Melo Franco, Afonso Arinos. L'Indien brésilien et la Révolution française. Les origines brésiliennes de la théorie de la bonté naturelle. La Table Ronde, 2000.

Mollier, Jean-Yves. La construction du système éditorial français et son expansion dans le monde du XVIIIe au XXe siècle. In : Les mutations du livre et de l'éditions dans de monde du XVIIIe siècle à l'an 2000. Actes du Colloque International. Sherbrooke, 2000. Sous la direction de Jacques Michon et Jean-Yves Mollier.

Mollier, Jean-Yves. Les mutations de l'espace éditorial français du XVIIIe au XIXe siècle. In : Éditions, Éditeur (1). Actes de la recherche en Sciences Sociales – 126 – 127 – mars, 1999.

Mollier, Jean-Yves. L'argent et les lettres – histoire du capitalisme d'édition (1880-1920). Fayard, 1998.

Painet, Elisabeth. Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine. XIXe – XXe siècle. Paris, Éditions du Seuil, 2004.

Poirrier, Philippe. Les enjeux de l'histoire culturelle. Éditions de Seuil, 2004.

Perrone-Moises, leyla. Vinte luas. Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil : 1503-1505. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

Portraits de Libraires – La famille des Garnier. Extrait du Bulletin de L'Association. H. C. Libraire-expert du Tribunal de la Seine. Paris, impr. A. Fleury, 1913.

Roquette, J. I. Código do Bom-Tom ou regras de civildade e de bem viver no século XIX. Organização Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo : Companhia das Letras, 1997.

Rouen, livre et l'enfant, 1700-1900, la production rouennaise de manuels et de livres pour l'enfance et la jeunesse. Musée National de L'Éducation, 1993.

Thevet, André. Singularidades da França Antártica a que outros chamam de América. Companhia Editora Nacional, 1944.